

fanzine

**Gente**

de

**PALAVRA**

n.º 3



Ana Beise Benette Bacellar Cláudia Gonçalves Conceição Hyppolito  
Cristina Martim Branco Fernando Menegotto João Guató Jussara Cony  
Léris Seitenfus Lota Moncada Michelle Hernandez Neli Germano  
Renato de Mattos Motta Scyla Bertoja Silvana F. Pereira Zaira Cantarelli



# E nossa revista chega à trindade!

O número dois ganhou um apoio de última hora, sem o qual não teria acontecido. Falo de Adeli Sell, vereador que, no final de seu mandato, ainda veio estender a mão e apresentar soluções quando algumas portas pareciam se fechar.



Gente de Palavra é um fato literário que se constrói com criatividade e solidariedade. Esta última, manifestada principalmente nos apoios dos amigos e patrocinadores que incluem ainda o IEL - Instituto Estadual do Livro e Associação Lígia Averbuck; a Livraria Ábaco e Pinacoteca Café. Nosso agradecimento a todos.

De nossa parte fica o compromisso de manter a criação poética em alta, com o amor de amadores e o profissionalismo de quem vive para sua arte!

"E stá tudo acabado.



Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,  
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,  
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,  
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door.  
" 'Tis some visitor," I muttered, "tapping at my chamber door;  
Only this, and nothing more."

*Escrevam: Eddie não existe mais!*  
Ao que parece essas foram suas últimas palavras. Quatro dias antes, em três de outubro de 1849, Edgar Allan Poe fora encontrado na rua em estado deplorável, sofrendo de delirium tremens, vestindo roupas que não eram suas. Nesses dias não conseguiu suficiente coerência para narrar como teria chegado a tal situação.

A vida do escritor chegara ao fim aos 40 anos, mas não seus problemas. Um certo Griswold que havia sido seu rival, tornou-se responsável pela publicação póstuma de seus escritos, vindo a escrever ainda uma biografia onde chegou a forjar cartas de Poe forçando uma imagem do poeta como bêbado, drogado e depravado. Embora os amigos protestassem, essa versão foi a preferida do público.

Edgar Poe; Allan era o sobrenome da família que o criou, mas que nunca chegou a adotá-lo legalmente;

trabalhou muito a palavra. Foi poeta, um dos maiores de sua época, Seu poema "O Corvo" tem um caráter de tal forma impressionante que motivou alguns dos maiores artistas do texto a traduzirem-no: Baudelaire, na França, Machado de Assis, no Brasil e Fernando Pessoa em Portugal.

Simbolista, romântico, pai do conto americano, um dos primeiros escritores a tentar viver exclusivamente de sua arte. Como crítico, foi capaz de racionalizar totalmente o seu processo criativo em um texto que ainda hoje choca algumas pessoas pela "desglamorização" do ato literário (Filosofia da Composição). Pelo testemunho de uma vida dedicada à escrita, Edgar Allan Poe é Gente de Palavra

Efeméride

Vai ver, eu tenho gosto de morte  
Tudo que é plantado em mim  
Jaz inanimado eternamente.  
Sou estrela sem brilho  
Raio de sol sem calor  
Ventania sem força  
Planta sem flor  
Alma sem vida  
Tudo jaz inanimado.  
Sem sabor, sem cheiro  
Não existem obras no canteiro  
de minha existência.  
Apenas existo  
E persisto nos erros  
Sem certeza de amanhã  
Na dúvida eterna que hoje  
se faz presente  
E me chama para passear  
De mãos dadas com a solidão.  
Sou flor de plástico  
Não morro  
Mas também não vivo.  
Não tenho o frescor da manhã  
Nem o sombrio mistério da noite  
Sobre o túmulo onde durmo.  
Minha lápide não tem nome  
Meu jazigo não tem número.  
É apenas uma cova rasa  
Onde enterro meus mais belos  
sentimentos.

Ana Beise

rocei tua vida  
e tua pele

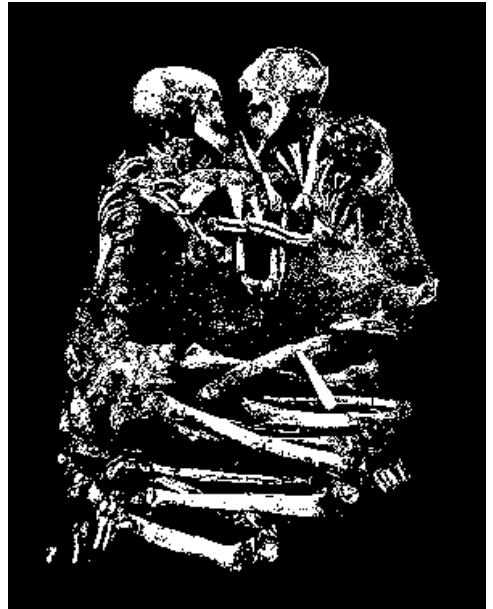
protege-me  
a máscara de jade

não me olhe desse jeito  
que sou frágil  
enlouqueço

nem tudo que digo  
é o que pareço

confesso  
no canto da boca escorre  
uma gota de veneno

*Benette Bacellar*



utopia

não é nada  
só poeira de sonho  
de uma noite de outono

até esqueci  
e deitei no vazio  
que ocupou meus ais

é só uma miragem  
pintando a face  
de um amor distraído

que tropeçou no silêncio  
e amanheceu  
- você

*Cláudia Gonçalves*



Menino de rua

Natal

É meia-noite  
O sino toca  
O padre evoca  
Sua Santidade

E pelas ruas  
desta cidade  
com pés descalços  
e pouca roupa  
um pequenino só  
invoca a caridade...

É meio-dia...

Ruas tão cheias e frias...

É natal!

*Conceição Hyppolito*

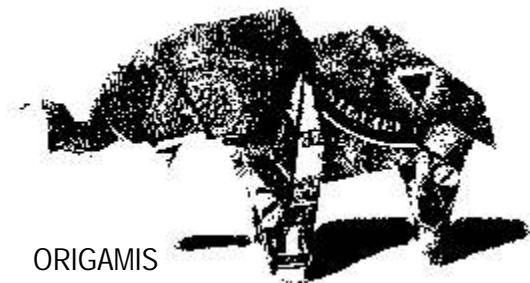


perdi todas as vergonhas  
visto todas as fantasias  
rio de toda a burguesia  
caminho em todas as ruas  
falo apenas o que penso  
mesmo sem nenhum consenso  
beirando a liberdade  
não sinto mais  
anormalidade

*Cristina Martim Branco*

O para-raios social  
é a fruta que cai do pé  
perde a virgindade  
nos alçapões coloridos  
no meio da cidade

O sonho não acabou  
se esvaiu no meio da fumaça  
parecendo neblina  
que ora embaça  
as luzes das esquinas  
até o fim das ruas  
onde mora a ilusão.



ORIGAMIS

Pelo credo  
desfilam nas calçadas  
homens, mulheres e crianças  
no mesmo mundo  
bonitos de preto e branco  
se fazem diferentes  
se dizem parentes  
da criação.

Ninguém se esconde mais  
com o crime que anda à solta  
cibernético planeta  
de tantos mundos  
num mundo só  
como origamis  
engaiolados nas redes  
escrevem a mesma coisa  
em versáteis idiomas  
mesmo sem asas  
voam na alegria da existência  
encurtados pela distância  
brigam, afagam e compartilham  
ideias  
amores  
sexo  
a beleza estampada nos olhos  
paixão.

Fernando Menegotto

## Marcas do tempo

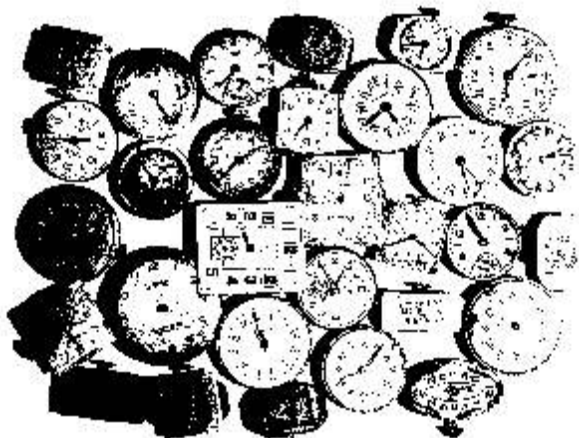
As marcas do tempo  
Quando não se está esperando  
Ruminam palavras mágicas  
Mas é tarde demais  
Para voltar atrás

É como um velho  
Carro quebrado

No meio de uma  
Longa estrada  
Leva-se tempo  
Para consertar

É numa fração  
De segundo  
Você vê passar o tempo  
E não tem mais ninguém  
Para te consolar

*João Guató - Noturno*



Palavras e silêncios...

Minhas palavras e meus versos  
atravessam teus silêncios e  
os olhares que em mim deságuas...

Palavras e versos,  
olhares e silêncios  
enfrentam solidões...

Porque não se perpetuam solidões  
com os versos que teço para ti  
e nem com os olhares que a mim dedicas...

Confesso! Gostaria de tecer  
versos com meu olhar  
e que teus silêncios  
derramassem palavras de amor...

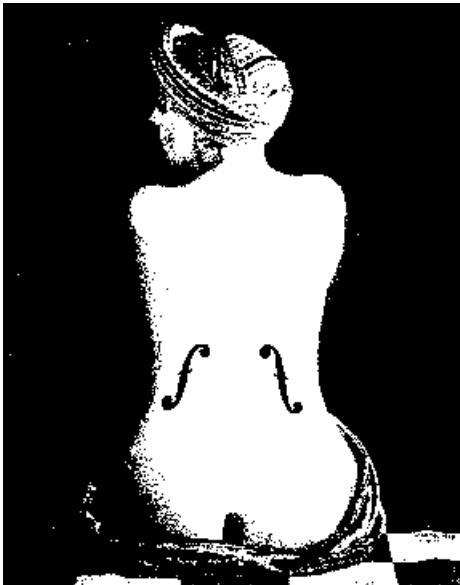
Versos e olhares,  
palavras e silêncios  
de chegadas, de partidas,  
de despedidas  
fazem de nós uma bela razão  
para se amar a vida!



### Momento

Na cadência suave de teu corpo  
Faço partituras apaixonadas  
Em êxtase supremo,  
Leves, palavras embriagadas  
Desvendam ritmo e sensatez  
Na doçura do pranto a alegria  
Navego em tua boca e nudez  
Para a entrega fatal à tua melodia...

### Léris Seitenfus



Antiquada, eu?

Talvez você tenha razão  
e eu seja, sim,  
velha, antiquada,  
um pouco decadente,  
já vou mesmo  
descendo a escada.

Talvez tenha, sim,  
meu humor ficado ácido  
e o meu bom senso  
- farto de ser adequado -  
enfurecido se revolte.

Já sabemos, sim,  
quem ri por último  
só ri atrasado.  
Mas hoje, não receie,  
do riso fica apenas  
um rumor entontecido,  
o esgar educado do  
estranhamento íntimo.

Junte seus cacos,  
seu fardo, sua tralha,  
lhe dou minha mala,  
se quiser, até ajudo  
- foram tantas vezes,  
que já não me abala.  
Mas, por favor, saia,  
se arraste daqui,  
nem mesmo se volte  
- periga virar pedra –  
esqueça o veludo, a voz  
de canalha, não gaste  
o resto de humanidade  
numa guerra bem perdida.

Fico sozinha, sim,  
mas, apesar de tanto ontem,  
ou talvez por isso mesmo,  
eu, hoje, sou boa companhia.



*Confusa Musa*

*Faço de ti  
o que tu queres ser  
Faço de mim  
o que tu precisas que eu  
seja  
Fazendo de ti  
o que tu queres  
faço de mim  
o que preciso  
Fazendo de mim  
o que tu precisas  
faço de mim  
aquilo que somos.  
Sub-meto-me  
Sub-meto-te  
para*

*gozar contigo  
aquilo que somos.  
Hora em cima  
Hora em baixo  
Hora mando  
Hora obedeço  
Hora tua musa  
Hora tua puta  
Hora tua fada  
Hora tua safada  
Mas sempre TUA  
e tu  
sempre meu, enredado em  
minhas manhas,  
minhas tiranias,  
meu aspecto  
repulsivo  
hostil*

*que só tu compreendes  
Minhas palavras ferinas  
diretas  
Minhas atitudes  
insolentes  
indiferentes  
Conheces todas as minhas  
engrenagens  
E só tu podes  
montá-las  
desmontá-las  
pois só tu  
conheces  
o labirinto  
que sou.*

*Michelle Hernandes  
(para Renato de Mattos Motta)*



*enlacei seus olhos  
com mantos  
beije-lhe*

*à meia luz  
a música soou  
disse-lhe*

*em voz miúda  
a dança vai começar  
dancei dancei*

*até as flores  
exalarem o cheiro  
do amor*

*desnudei-lhe os olhos  
mantos em mim  
pousaram*

*fiz festa brinquei  
em uma cadeira  
dancei dancei*

*até seus olhos  
brilharem azuis  
cada vez mais azuis*

*desenhei-lhe estrelas  
da ponta dos meus  
dedos aos seus*

*falo faceiro  
deitei-lhe beijos  
pernas festas*

*dancei dançamos  
mar salgado  
irrigou nosso amor*

*manhã sorrateira  
cobriu com mantos  
os sonhos da noite*

*não se fez o ocaso  
ninguém mais  
dançou*



o tempo  
tem pelo  
diferente  
conforme  
o tempero  
que tem

meu tempo  
perto de ti  
é puro tesão  
tem pouco  
p e s o  
e muita emoção

longe de ti  
tempo é espera  
tem pouco gosto  
é antegozo  
do teu tempo

do tempo de estar-te  
de amar-te  
tempo de te ser eu

*Renato de Mattos Motta  
(para Michelle Hernandes)*

Amanhece  
indesejada luz  
invasão do espaço sagrado  
morno entorpecido templo  
único lugar no mundo  
onde reino absoluta  
sonho amores  
lembro dissabores  
vocifero impropérios  
o espelho concorda  
enfrento-o meio morta  
retorno ao leito revolto  
em estado letárgico  
de tristeza indizível  
moldura e aço acolhem a imagem  
insuportável  
e o corpo jaz envolto  
em sublimes lençóis de lembranças.

*Scyla Bertoja*



Sentada no bar

É tão estranho  
De repente  
Sozinha no bar  
O chope esquentando  
O cantor cantando Supertramp

Pessoas riem ao fundo  
Peço mais um ao garçom  
Como alguma coisa  
Para não embebedar  
(como se isto fosse possível)

Já sou bêbada por natureza  
A música me agradou  
Recosto na cadeira  
Curto o entorno.

Pessoas chegam  
Ilusões se vão  
Bebo mais um gole  
As risadas aumentam

A dúvida paira...  
Agora Djavan na boca do cantor  
Me sinto no livro de  
Graciliano Ramos  
Angústia

Não virás, já era sabido.  
Mesmo assim  
Continuo te esperando.

*Silvana F. Pereira*



Na noite  
pedaços de silêncio  
jorram segredos guardados  
no outro lado da luz  
a lua surge e me diz:  
- uiva !  
e eu pulo para cair  
dentro de ti.  
*Zaira Cantarelli*



## O CORVO

Edgar Allan Poe trad. Fernando Pessoa

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais.  
É só isto, e nada mais."

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo  
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!  
Mas, a mim mesmo infundido força, eu ia repetindo,  
"É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;  
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.  
É só isto, e nada mais".

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,  
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.  
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,  
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais -  
Eu o disse, o nome dela, e o eco disse aos meus ais.

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,  
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.  
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,  
Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,  
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,  
Foi, pousou, e nada mais.

Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,  
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.  
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido  
Que uma ave tenha tido pousada nos meus umbrais,  
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,  
Com o nome "Nunca mais".



Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,  
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.  
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada  
P'ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais -  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,  
Mas sem nome aqui jamais!



E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,  
"Senhor", eu disse, "ou senhora, decerto me desculpais;  
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,  
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,  
"Que mal ouvi..." E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.  
Noite, noite e nada mais.

Isso só e nada mais.  
Para dentro então volvendo, toda a alma em mim ardendo,  
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.  
"Por certo", disse eu, "aquela bulha é na minha janela.  
Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais."  
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.  
"É o vento, e nada mais."

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura  
Com o solene decoro de seus ares rituais.  
"Tens o aspecto tosquiado", disse eu, "mas de nobre e ousado,  
O velho corvo emigrado lá das trevas infernais!  
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais."  
Disse o corvo, "Nunca mais".



Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, agosto,  
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.  
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento  
Perdido, murmurei lento, "Amigo, sonhos - mortais  
Todos - todos já se foram. Amanhã também te vais".  
Disse o corvo, "Nunca mais".



A alma súbito movida por frase tão bem cabida,  
"Por certo", disse eu, "são estas vozes usuais,  
Aprende-as de algum dono, que a desgraça e o abandono  
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,  
E o bordão de desesp'rança de seu canto cheio de ais  
Era este "Nunca mais".

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,  
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;  
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira  
Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,  
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,  
Com aquele "Nunca mais".

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo  
A ave que na minha alma cravava os olhos fatais,  
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando  
No veludo onde a luz punha vagas sobras desiguais,  
Naquele veludo onde ela, entre as sobras desiguais,  
Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso  
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.  
"Maldito!", a mim disse, "deu-te Deus, por anjos concedeu-te  
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,  
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!"  
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta - ou demônio ou ave preta!  
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,  
A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,  
A esta casa de ância e medo, dize a esta alma a quem atrais!  
Se há um bálsamo longinquo para esta alma a quem atrais!  
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta - ou demônio ou ave preta!  
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.  
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida  
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!"  
Disse o corvo, "Nunca mais".



"Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!", eu disse. "Parte!  
Torna á noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!  
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!  
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!  
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!"  
Disse o corvo, "Nunca mais".

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda  
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.  
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,  
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,  
Libertar-se-á... nunca mais!



**Edição e diagramação:**  
Renato de Mattos Motta

**Revisão:**  
Michelle Hernandez e IEL

Porto Alegre, novembro de 2012

APOIO:

